

A Itália em guerra: a coletividade imigrada e o *Fanfulla* de São Paulo durante o primeiro conflito mundial¹

Angelo Trento

Se a função da imprensa burguesa italiana no Brasil, ao menos no início do século XX,² foi essencialmente a de suscitar nos imigrantes um sentido de pertença comum e a interiorização de uma italianidade antes desconhecida de uma parte bastante consistente deles, a conquista da Líbia entre 1911 e 1912 representou uma ocasião mais que propícia para o crescimento e reforço dessas manobras, apelando para o aumento de prestígio que a participação da Itália na partilha colonialista da África havia garantido à pátria-mãe e para o orgulho que tal operação podia e devia despertar na massa de compatriotas transplantados para ultramar. O *Fanfulla*, que na época representava – já e de longa data – a mais importante e mais difundida publicação diária em língua italiana no Brasil, colocou-se na linha de frente dessa operação, ainda que nos anos imediatamente posteriores à sua fundação (ocorrida em 1893) ele tivesse assumido uma posição contrária ao expansionismo territorial no continente negro, contrapondo-o à penetração pacífica nas Américas (em particular na meridional) por meio da emigração, antecipando e depois sustentando, desse modo, a orientação de grande parte das associações étnicas e da quase totalidade da elite econômica e intelectual da colônia.

Ainda mais nacionalista foi a posição do periódico – como, por outro lado, de toda a imprensa italiana não proletária que se publicava no Brasil – por ocasião da Primeira Guerra Mundial, que representou o momento mais alto na busca por uma identidade coletiva dos imigrantes e durante a qual ressoou mais forte o apelo a que fossem deixados de lado discórdias e conflitos, fossem eles de caráter regional, ideológico ou de classe. No início dos eventos bélicos

¹ Traduzido do italiano por Teresa Malatian.

² Para uma história do jornalismo italiano no Brasil, sua evolução, suas tendências e conteúdos, cf. TRENTO, Angelo. *Imprensa italiana no Brasil, séculos XIX e XX*. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2013.

que sacudiram a Europa a partir de 1914, o jornal de São Paulo tentou convencer os seus próprios leitores de que os grandes órgãos de informação brasileiros haviam compreendido as motivações do governo de Roma e a sua decisão, no mês de agosto, de manter uma posição de neutralidade, apesar dos tratados que vinculavam a Itália ao Império Austro-húngaro e à Alemanha, muito embora, na realidade, a imprensa brasileira não tenha deixado de levantar dúvidas e críticas a propósito dessa atitude e das sucessivas oscilações na política de alianças. As posições contrárias eram ditadas, segundo o *Fanfulla*, pela preconceituosa italoFOBIA, alimentada por periódicos redigidos por “padres e frades partidários da Áustria, inimigos da Itália por tradição e por doença incurável”,³ ou vinham de qualquer maneira defendidas por jornais de nenhuma circulação. Paralelamente, o diário paulista interrogou-se, nos primeiros dois meses do conflito, sobre a utilidade do tratado da Tríplice Aliança, do qual a Itália era parte integrante (e que foi referido como se tivesse sido sempre impopular na península), e colocou em discussão a necessidade de uma lealdade obrigatória nos confrontos da Áustria e da Alemanha. Pouco depois, porém, o jornal começou a alçar a bandeira do irredentismo, reivindicando para a Itália Trento e Trieste e especificando que também os emigrados estavam prontos para empenhar-se na realização das justas aspirações da “mãe-pátria”.⁴ Com essa pauta,

³ COLUNA Echi. *Fanfulla*, São Paulo, 22 maio 1915. Naquele momento, o alvo preferido era representado pelo jornal rio-grandense *Il Colono Italiano*, dirigido por don Giovanni Franchetti, o qual, após Sarajevo, havia convidado os cidadãos austro-húngaros – e portanto também os numerosos imigrantes originários do Trentino (região disputada pertencente à Áustria, mas com uma população majoritariamente de língua italiana) residentes no Brasil meridional – a apresentarem-se logo ao consulado, para regularizarem suas situações e partirem para a frente de batalha. Cf. VALDUGA, Gustavo. *Paz, Itália, Jesus – uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio Riograndense (1930-1945)*. Porto Alegre: Ed. PUCRS, 2008. p. 161-162.

⁴ Defendendo a irrevogabilidade do princípio de nacionalidade, o presidente da Società Dante Alighieri de São Paulo chegou a afirmar que “a Itália terá tudo dos seus filhos, próximos ou distantes, se sacrifícios forem necessários: tudo, os bens e a vida!” (PEPE, Gaetano. *L'Italia verso il conflitto*. *Fanfulla*, São Paulo, 13 jan. 1915). Cf. ainda, para conceitos similares, alguns meses antes, a Coluna Echi de 18 set. 1914; e ANDALÔ, Guelfo. *Moriamo pur noi, ma vinca la nostra bandiera*. *Fanfulla*, São Paulo, 20 set. 1914. A propósito, note-se que o irredentismo desfrutava sem dúvida de um considerável apoio na coletividade, tanto que isso serviu, naqueles dias, para fazer a propaganda de um notório licor digestivo, cujo departamento comercial sugeria, por ocasião do 20 de Setembro (data crucial no processo de unificação italiana e evocativa da conquista de Roma e do fim do poder temporal do Vaticano em 1870), que o melhor modo para festejá-lo seria o de reforçar o organismo e de prepará-lo para

parecia inicialmente favorável à linha do primeiro-ministro Giovanni Giolitti, o qual se propunha alcançar tal resultado mantendo a Itália afastada do conflito, a fim de obter compensações territoriais das potências vencedoras ao fim do mesmo, ainda que não ocultasse as dificuldades existentes. Desde março de 1915, todavia, o jornal apoiou a entrada em campo ao lado dos Aliados e defendeu a tese de que a neutralidade (que anteriormente sustentara) teria tido como único objetivo a preparação militar da Itália.⁵

Nesse quadro – predominante, aliás, na imprensa italiana no Brasil desde o início daquele ano –, o diário paulista atacou duramente os defensores da neutralidade e, antes de todos, o movimento operário, mesmo imigrado, ao qual procurou não dar visibilidade, a não ser quando se tratava de ilustrar as posições dos elementos favoráveis ao ingresso na guerra, os quais não faltavam entre suas fileiras.⁶ Já a partir de março, o periódico foi pródigo em notícias e crônicas acerca das atividades do Comitato Interventista Italiano, que em suas reuniões atraía profissionais liberais, comerciantes e industriais (vale dizer: a mesma base social que na Itália defendia o intervencionismo, ao lado da Tríplice Entente), contando com a adesão de algumas associações étnicas do interior do Estado, ao passo que as da capital assumiram uma atitude muito mais prudente (sendo que somente a Vittorio Emanuele II decidiu tomar partido), fazendo saber que “seus estatutos proibiam toda manifestação de caráter político”.⁷

Desde o momento da entrada da Itália na guerra, em 24 de maio de 1915, e da partida de Santos do primeiro contingente de convocados às armas,

as lutas que poderiam levar à conquista das terras italianas que se encontravam sob domínio estrangeiro. “Esta força, que nos dará a certeza da vitória, poderemos ter se bebermos hoje e sempre, antes de cada refeição, um copinho do renomado Fernet-Branca” (COLUNA Cronachetta. *Fanfulla*, São Paulo, 20 set. 1914).

⁵ L'ETERNA tragedia. *Fanfulla*, São Paulo, 4 mar. 1915.

⁶ Cf. a crônica de uma manifestação do Circolo Interventista Italiano na qual, tendo fracassado algumas tentativas de impedir o relator de falar, feitas por parte de elementos da esquerda, depois que este havia negado a palavra ao socialista Teodoro Monicelli, a maior parte dos contestadores se afastaram e uma tentativa de réplica ao orador por parte do anarquista Oreste Ristori obteve somente salvas de assobios. (IL COMIZIO di ieri sera al Celso Garcia. *Fanfulla*, São Paulo, 29 mar. 1915.)

⁷ COMITATO Interventista di S. Paulo. La grande riunione di ieri sera. *Fanfulla*, São Paulo, 19 maio 1915. Vale a pena sublinhar a escolha do termo “político”, quando se tratava de escolhas de outro gênero.

dois dias depois, a imprensa étnica assumiu um papel fundamental como propagandista e veiculadora de imagens tranquilizadoras (mas bem distantes da verdade), de total concórdia e consentimento, atitude esta ratificada pelo periódico quarenta anos depois.⁸ Tal imprensa continuou, durante todo o conflito, a convidar a coletividade a calar invejas e dissabores, convidando-a continuamente, enquanto aconteciam as operações bélicas, a manifestar abertamente suas posições e sentimentos nacionalistas. Essa foi uma atitude comum a toda a imprensa em língua italiana,⁹ salvo a socialista e a anarquista, ainda que a Guerra Mundial não tenha deixado de sacudir as certezas internacionalistas de não poucos militantes do movimento operário, fosse no Brasil fosse na mãe-pátria, que, no entanto, em seu conjunto, opunham-se ao conflito armado. Malgrado se encontrasse na linha de frente dessa operação de sensibilização e mobilização da colônia, o *Fanfulla* não se desviou da conduta que subscrevia há duas décadas, de atenção para com a sociedade e a opinião pública brasileiras: desaprovou as manifestações públicas de entusiasmo que foram registradas, em São Paulo e em algumas cidades do interior, quando se soube que a Itália havia dado início a operações militares, aliando-se à França e à Inglaterra, e convidou os manifestantes a expressarem esse entusiasmo em um teatro ou em uma sala particular, por respeito à neutralidade que o Brasil havia escolhido manter.¹⁰ Note-se, contudo, que nos meses e, sobretudo, nos anos seguintes a publicação também se distanciou dessa orientação, atacando a imprensa e os cidadãos das nações inimigas e procurando influenciar o governo do Rio de Janeiro, aproveitando o clima favorável à Entente existente no Brasil desde março de 1915 (quando foi criada a Liga pelos Aliados), clima

⁸ “Não se encontraram nem derrotistas, nem traidores, nem ávidos, nem vociferadores. E com nobre competição, todos responderam ao apelo que chamava à reunião os italianos dispersos no mundo”. (COSTANTINI, Francesco. *La mano alla spada e con la fronte al sole. Fanfulla*, São Paulo, 24 jun. 1956.)

⁹ Para a análise da difusão de títulos de sentido fortemente patriótico, com frequência estreitamente associados ao corpo diplomático, cf. TRENTO, Angelo. *Imprensa italiana no Brasil*, p. 46.

¹⁰ DIMOSTRAZIONI generose. . . ma inopportune. Una viva preghiera. *Fanfulla*, São Paulo, 26 maio 1915.

fomentado por Rui Barbosa,¹¹ a despeito da presença de uma significativa coletividade alemã no sul do país.

O primeiro efeito da participação da Itália no conflito que se notou no jornal foi a transformação do seu conteúdo, algo apenas parcialmente justificável. Se, de fato, era esperável que um grande espaço fosse dedicado aos eventos europeus, não era necessário que fossem canceladas quase todas as notícias sobre o Brasil, as quais terminaram por reduzir-se quase unicamente às questões econômicas e ao que acontecia na cidade. Ganhavam espaço nas páginas imagens reiteradas e estereotipadas do heroísmo e da generosidade dos combatentes italianos (contrastadas previsivelmente com a vileza e a crueldade do inimigo), criavam-se mitos (em particular ao redor do general Luigi Cadorna, comandante supremo das tropas¹² e figura destinada a receber – sobretudo mais tarde – muitas e justificáveis críticas, em favor do qual organizaram-se até mesmo subscrições e em cujo nome foi criado um círculo recreativo em São Paulo, presidido pelo socialista moderado Antonio Piccarolo), exaltavam-se as gestas dos compatriotas, até mesmo da retaguarda.

Para a descrição das operações bélicas, a redação paulista servia-se principalmente dos serviços telegráficos, mas com frequência recorria também aos comentários e editoriais das redações de periódicos publicados na Itália, em particular do *Corriere della Sera*, onde trabalhavam dois dos três jornalistas cujas assinaturas apareceram com maior frequência no *Fanfulla* entre 1915 e 1918 – Barzini e Fraccaroli –, e de *La Tribuna*, publicação de orientação nacionalista, da qual eram reproduzidos, sobretudo, os artigos de “Rastignac”, pseudônimo de Vincenzo Morello. Numerosos eram, todavia, os editoriais da redação, especialmente os de Umberto Serpieri, que em janeiro de 1916 substituiu Giovannetti na direção da folha paulista; tampouco faltavam artigos remetidos do campo de batalha por alguns redatores enviados para o combate desde o início do conflito (dentre os quais pelo menos um foi ferido), em par-

¹¹ Nos anos da guerra chegou até a surgir um comitê italiano de apoio a Rui Barbosa, que convidou os compatriotas a inscreverem-se nas listas eleitorais para apoiá-lo, mas o político brasileiro se absteve até mesmo de responder às cartas e aos telegramas do referido comitê. Cf. entre as páginas pagas: LO SCIOGLIMENTO del Comitato Italiano Popolare pro-Ruy Barbosa. *Fanfulla*, São Paulo, 19 mar. 1919.

¹² Cf., para todos: SERPIERI, Umberto. Un anno di meravigliosa operosità di Luigi Cadorna. *Fanfulla*, São Paulo, 10 jul. 1915.

ricular de Giorgio Giorgetti, convocado com grau de capitão, que assinava com o pseudônimo “Nemo”.

A partir de maio de 1915, o diário representou, graças à sua circulação, o principal instrumento de mobilização do esforço de guerra, sobretudo no estado de São Paulo, e produziu sem interrupção comunicados de organizações patrióticas e de associações, listas de subscrições, listas com os nomes dos conscritos nascidos entre 1876 e 1895 (vale lembrar que eles eram obrigados a apresentar-se ao consulado para a consulta médica e para receber, se alistados, a passagem gratuita para a Itália),¹³ descrevendo, ao mesmo tempo, com abundância de pormenores, cada iniciativa em favor da pátria. Dentro desse espírito, não deixava de assinalar também casos exemplares de entusiasmo, como a partida conjunta de um pai e de um filho, um voluntário e o outro reservista; ou de indivíduos que deixavam cargos importantes em São Paulo para juntar-se às tropas, mesmo sendo isentos dessa obrigação; e até (isso já em 1916) de pessoas de outras nacionalidades que, utilizando documentos de amigos italianos que já haviam passado pela visita médica no consulado e obtido a autorização para a partida, embarcavam para o campo de batalha, como foi o caso de um jovem português dos Açores.¹⁴ A unanimidade em favor da intervenção era proclamada a cada instante pelo periódico e vinha expressa nos fatos colocados em discussão e nas reiteradas reprimendas que a redação dirigia ao ceticismo de alguns compatriotas e à propaganda contrária à guerra, “feita com leviandade pelos que não souberam medir-lhe as consequências”, recordando, em tom de ameaça, que os que não se apresentassem seriam condenados como desertores.¹⁵ O fenômeno da renitência foi, por outro lado, bastante difuso entre os italianos

¹³ O jornal era, de todo modo, muito preciso também ao lembrar aos próprios leitores que existia a categoria dos isentos, isto é, dos que – nascidos no Brasil ou chegados antes de completarem 16 anos de idade e que, em 22 de maio de 1915, fossem maiores de 32 anos – tivessem requerido a dispensa das autoridades, passo este que, como o *Fanfulla* deveria saber, era cumprido por pouquíssimos. Cf. PER I RICHIAMATI venuti in Brasile prima del 16° anno. *Fanfulla*, São Paulo, 9 ago. 1915.

¹⁴ Descoberto depois de algum tempo quando já em campo de batalha, o fanático em questão havia sido condenado pelo tribunal militar a uma pena de detenção, mas o *Fanfulla* dirigiu-se diretamente ao rei para pedir (e obter) a libertação daquele “que nós consideramos como um dos nossos mais caros compatriotas”. (UN APPELLO del *Fanfulla* alla clemenza Sovrana in favore del giovane volontario José Frias dos Reis. *Fanfulla*, São Paulo, 16 dez. 1916. Cf., ainda, para o desenvolvimento do caso: UN VALOROSO giovane portoghese che ha voluto andare a combattere in Italia. *Fanfulla*, São Paulo, 17 out. 1916.)

¹⁵ COLUNA Echi. *Fanfulla*, São Paulo, 4 ago. 1915.

no exterior, e em particular nas Américas: 51% dos convocados que retornaram à pátria provinham desse continente, sendo mais de 100.000 da América do Norte (basicamente dos Estados Unidos) e quase 52.000 da América do Sul (em primeiro lugar da Argentina, de onde partiram 32.000 pessoas, e em seguida do Brasil, cujos 10.000 reservistas e voluntários – dos quais mais de dois terços era proveniente de São Paulo – representavam uma bem modesta percentagem de quantos deveriam ter partido).¹⁶

A disparidade entre o entusiasmo manifestado pela coletividade no momento da entrada na guerra (pontualmente propagado pela imprensa) e o exíguo número de pessoas que saiu rumo à Itália para combater¹⁷ não poderia, decerto, ter escapado ao *Fanfulla*. Com efeito, o jornal foi obrigado em algumas ocasiões a acenar para tal fenômeno, atribuindo a escassa resposta dos compatriotas imigrados ao chamado da mãe-pátria à deficiência e à desorganização do transporte marítimo, a motivações individuais e coletivas (que iam desde a pressão das famílias até o estado de abandono em que foram mantidas por décadas as comunidades no exterior) e ao caos nos consulados,

¹⁶ Do exterior voltaram para combater 303.000 italianos, dos quais 42% da Europa, 34% da América do Norte e 17% da América do Sul. Cf. SALVETTI, Patrizia. Il movimento migratorio italiano durante la Prima Guerra Mondiale. *Studi Emigrazione*, Roma: Fondazione Centro Studi Emigrazione, ano 24, n. 87, p. 288, 1987. No que diz respeito ao Brasil, as estimativas quantitativas são escassas, os números não fecham e muito provavelmente são inferiores à verdade. Para dois observadores que dedicaram uma publicação à temática dos reservistas e voluntários da América do Sul, do Brasil partiram 8.951 soldados, dos quais 6.359 embarcados em Santos e provenientes do estado de São Paulo e do Nordeste (ARIGONI, Arturo; BARBIERI, Santino. *Gli Italiani in Sud America e il loro contributo alla guerra*. Buenos Aires: Arigoni e Barbieri, 1922. p. 536). O *Fanfulla*, pelo contrário, falava de 8.000 entre italianos e filhos de italianos somente do estado de São Paulo (I NUOVI orizzonti e i nuovi doveri del Pro-Patria. *Fanfulla*, São Paulo, 10 abr. 1919.), cifra que parece mais fidedigna, considerando inclusive que o número dos que, entre 1919 e 1922, retornaram ao Brasil após haver combatido parece ter sido de 10.224 (9.177 reservistas e 1.047 familiares), isto é, um número superior àquele exposto pelos dois autores citados. O número é ainda maior se pensarmos nos tombados e nos que, terminado o conflito, decidiram permanecer na pátria. Cf. SALVETTI, Patrizia. Il movimento migratorio italiano durante la Prima Guerra Mondiale, p. 292.

¹⁷ Fenômeno, vale repetir, generalizado, sobretudo nas Américas, e, se não de fato gigantesco, ao menos significativo, principalmente quando relacionado ao número de imigrados presentes em além-mar e ao fato de que, entre os que partiam, aqueles nascidos na outra margem do Atlântico não representavam uma quantidade negligenciável. Já nessa época, Francesco Coletti havia calculado que a renitência no continente fosse algo em torno de 800.000 pessoas. (Cf. FRANZINA, Emilio. *La guerra lontana: il primo conflitto mondiale e gli italiani d'Argentina*. *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, Buenos Aires: Centro de Estudios Migratorios Latinoamericanos, ano 15, n. 44, p. 66, 2000.)

que ganhava forma nas montanhas de circulares contraditórias provenientes de Roma, retardando as operações de recrutamento. Nas páginas do cotidiano, como na de outros periódicos italianos, e não somente de São Paulo, não havia espaço para elementos decisivamente mais cruciais: primeiramente, a insuficiência do subsídio oferecido às famílias dos que partiam; em seguida, a disparidade do tratamento dado às camadas populares e às classes abastadas; finalmente, os boatos sobre uma futura anistia para os que não se apresentassem, boatos que circulavam com insistência e que se confirmaram em 1919, com a expedição de um provimento de clemência do qual se beneficiou grande parte dos renitentes. A despeito de terem consciência de tudo isso, o *Fanfulla* e a imprensa étnica em geral veicularam, no Brasil como alhures, o mito da provisão consistente de imigrantes, e o fizeram tanto durante a guerra quanto, ainda mais intensamente, depois dela.¹⁸

Na construção desse mito, a folha paulista foi pródiga em fornecer aos leitores o quadro de um entusiasmo compartilhado pela intervenção, procurando também justificar aos seus olhos todos os desvios desse quadro que podiam ser observados na realidade. Esses eram normalmente restritos, nos dizeres do jornal, a situações periféricas, nas quais a maior desafeição e o número “mesquinho” de aspirantes a combatentes eram atribuídos à união insuficiente, fenômeno já antigo, às condições especiais de vida na *fazenda* e às iniludíveis pressões dos *fazendeiros*.¹⁹ O jornal passava em silêncio, porém, pelas menores solicitações do mundo urbano, onde as elites intelectuais e econômicas tinham maior peso e suas iniciativas (sempre voltadas a exaltar o dever patriótico) tinham maior visibilidade. Prova disso foi a decisão, já em fins de maio de 1915, do Banco Francês e Italiano para a América do Sul de destinar um quarto do salário de seus subordinados que partissem para o campo de batalha aos seus familiares e de restituir-lhes o posto de trabalho quando voltassem, política que será assumida

¹⁸ A criação dessa legenda “se concentrava na exaltação da heroica resistência italiana depois de Caporetto e suas gestas, em especial, de 1918, o ano da vitória”. A operação foi levada a termo pelo meio intelectual, sobretudo do mundo jornalístico, que pressionou a tecla da contribuição dos italianos das Américas, seja daqueles que haviam combatido, seja dos que, muito mais numerosos, haviam sustentado a guerra com forte arrebatamento patriótico (ibid., p. 62).

¹⁹ LA COLLETTIVITÀ italiana e la mobilitazione. *Fanfulla*, São Paulo, 3 ago.1915.

primeiro pelas empresas Matarazzo e depois por outros expoentes da elite econômica imigrada.²⁰

Numerosos fatores procuravam dirigir a orientação dos compatriotas, desde os de menor peso (como o aparecimento dos gêneros de consumo “irredentistas”, produzidos *in loco*—os cigarros Trento e Trieste,²¹ Zara e Pola, a cerveja Triestina—, ou a composição e a circulação de canções do tipo “A saída dos reservistas do Brasil” até mesmo em dialeto), passando pelos que tinham alguma visibilidade durante o tempo livre dos trabalhadores (mesmo que fosse escassa a circulação de filmes de propaganda nos circuitos comerciais e que se lamentasse a distribuição maciça e difundida dos que chegavam da Alemanha),²² até, enfim, os de maior impacto. Entre esses, teve destaque por muito tempo no jornal a exposição das motivações que haviam levado primeiro à constituição de um Comitato Massonico Pro Patria, em setembro de 1915, e em seguida, em janeiro de 1916, a uma cisão no Grande Oriente di São Paulo, como resposta à outorga do cargo de grão-mestre a um alemão. A iniciativa da ruptura, que levou à criação de um Grande Oriente Autonomo di São Paulo, foi tomada por nove lojas compostas exclusivamente de italianos, além de afi-

²⁰ COMITATO Italiano Pro-Patria. La riunione della Commissione Esecutiva. *Fanfulla*, São Paulo, 28 maio 1915.

²¹ Lançados com versos de não ignóbil confecção: “Capisco bene / le sue proteste: / a lei dan noia / Trento e Trieste! / Forse le sembran, / con suo dolore, / di già riunite / nel tricolore? / È mio partito / l’irredentista, / son di Trieste / propagandista! / E, se lei esce / dalla sua tana, / le do un pugno / alla toscana! / La si decida, / o dio bonino! / Sono toscano, / son garfagnino! / Sono giovane di sentimento / e vendo molte / Trieste e Trento; / fanno a gara / i brasiliani / per favorirmi / cogl’italiani; / servo la casa / d’Ugo Bassini, / Trento e Trieste / mi dan quattrini!” (“Compreendo bem / os seus protestos: / dão-lhe tédio / Trento, Trieste? / Talvez lhe pareçam, / com sua dor, / desde já reunidos / no tricolor? / É meu partido / o irredentista, / sou de Trieste / propagandista! / E, se você sai / do seu covil, / lhe dou um soco / à la toscana! / Decida-se, / ô deus bonzinho! / Sou toscano, / sou garfaninho! / Sou jovem de sentimento / e vendo muitos / Trieste e Trento; / fazem disputa / os brasileiros / para favorecer-me / com os italianos; / sirvo a casa / d’Ugo Bassini, / Trento e Trieste / me dão vintém!”). A marca de cigarros irredentista em questão havia, na verdade, feito seu aparecimento ainda antes da entrada da Itália na guerra. Em julho, a empresa Ugo Bassini prometeu um lote de terreno no bairro de Indianópolis ao primeiro soldado italiano que tomasse a bandeira ao inimigo.

²² O *Fanfulla* sugeria o boicote desses filmes pelos italianos, que representavam um número bastante significativo do público paulista. (FILMS cinematografiche tedesche. *Fanfulla*, São Paulo, 22 mar. 1917.) Um ano antes havia firmemente protestado pela proibição da projeção do filme italiano “Silvio Pellico”, solicitado, ao que parecia, pelo cônsul austríaco. (SILVIO Pellico, il console d’Austria e la Polizia di S. Paolo. *Fanfulla*, São Paulo, 11 mar. 1916.)

liados de outras nações em guerra, como a “14 de Juillet”, ou neutras, como a “Unión Española” e a “Prudente de Moraes”.²³

No primeiro semestre do conflito, entretanto, o que prevaleceu foi a descrição, em tom entre otimista e exaltante, da saída dos contingentes (mais de 4.000 pessoas entre o primeiro grupo – que zarpou, conforme foi dito, apenas dois dias após a declaração de guerra – e o vigésimo, que partiu em fins de setembro), embarcados gratuitamente no *Principessa Mafalda*, no *Re Vittorio*, no *Tommaso di Savoia*, no *Regina Elena* e em outros vapores. A única novidade observada pelo *Fanfulla* era a de que os lugares disponíveis (muitos navios chegavam do rio da Prata já carregados de reservistas) eram inferiores ao número de homens adultos que se haviam apresentado ao consulado e obtido a autorização para a partida e o direito ao bilhete, sinal de que as operações de alistamento haviam sido conduzidas com muita precipitação.²⁴ O que de fato importava, porém, era a difusão daquilo que Emilio Franzina batizou como o “rito nacional-patriótico de massa”,²⁵ exaltado pela coreografia jornalística que acompanhou as saídas. De fato, já o primeiro batalhão foi acompanhado à Estação da Luz de São Paulo por uma multidão de 10.000 pessoas; ainda mais numerosa e festiva foi a participação na despedida do segundo batalhão, com as bandas musicais do “XI Bersaglieri” e da “Pietro Mascagni”; e assim continuou sendo em julho, tudo amplamente documentado por reportagens e fotos. Desde o início, porém, foram verificados alguns problemas, pontualmente assinalados pelo *Fanfulla*:

²³ Cf. SERPIERI, Umberto. Le ripercussioni della guerra nella Massoneria Internazionale e in quella Paulistana. *Fanfulla*, São Paulo, 8 jan. 1916; SERPIERI, Umberto. Lo scisma della Massoneria Paolistana. *Fanfulla*, São Paulo, 28 jan. 1916; SERPIERI, Umberto. Il dissidio della Massoneria Paulistana, *Fanfulla*, São Paulo, 23 fev. 1916. O *Fanfulla* publicou sempre com destaque os comunicados dos dissidentes. Para uma reconstrução mais completa dos fatos e para os nomes de todas as lojas envolvidas, cf. NEL MONDO massonico. *Fanfulla*, São Paulo, 2 ago. 1921, onde se informa até que, terminada a guerra e com menos motivos para disputas, se chegara a uma reconciliação.

²⁴ Já por ocasião do embarque do terceiro batalhão, em meados de junho, o jornal assinalava os tumultos dos 3.000 convocados e voluntários que haviam obtido a liberação pelo consulado e que protestavam porque, até 13 de julho, estariam disponíveis somente 500 lugares a bordo dos navios destinados à Itália. Naquela ocasião, o jornal censurava as estruturas diplomáticas por continuarem a emitir permissões de embarque mesmo sabendo que os combatentes não poderiam partir em pouco tempo, sugerindo a suspensão momentânea de tais emissões. (LA DISTRIBUZIONE dei biglietti d'imbarco ai riservisti in partenza col “Regina Elena”. *Fanfulla*, São Paulo, 13 jun. 1915.)

²⁵ FRANZINA, Emilio. La guerra lontana, p. 65. Nesse caso o autor se refere ao que acontecia na Argentina.

não tanto aqueles pouco edificantes, de dezenas de pessoas exultantes que, aproveitando-se da confusão, subiram nos vagões do trem para dar um passeio grátis a Santos,²⁶ quanto os relativos ao caos e à confusão criados, que dificultavam enormemente a correta realização do serviço. Tal situação levou a companhia ferroviária a permitir o ingresso dos acompanhantes somente um quarto de hora antes da partida do trem e algum tempo depois, e após um tumulto, registrado em 4 de julho de 1915, que terminou com um balanço de 6 mortos e 17 feridos, as autoridades, com o consentimento do consulado, proibiram totalmente o acesso.²⁷ Desde então, o jornal dedicou um espaço muito menor às partidas e terminou calando-se por completo, provavelmente, também, por causa da menor afluência de público à estação, onde aconteciam cerimônias “um pouco mais sóbrias”.²⁸ Nesse menor interesse na visibilidade da despedida influiu, por outro lado, o fato de que, pouco a pouco, as repatriações pagas pelo governo de Roma cessaram, e os que partiam o faziam às suas próprias custas e em pequenos grupos.

Como por ocasião do empreendimento líbio, porém em medida muito mais ampla, registraram-se confrontos (polêmicas e ataques) tanto com a imprensa das comunidades de imigrantes de nações inimigas – antes de todos, com o *Diário Alemão* –, quanto com jornais católicos em língua italiana, editados no Rio Grande do Sul (onde, além de uma coletividade alemã conspícua, viviam numerosos trentinos, cidadãos, portanto, de nacionalidade austríaca), apesar de algumas ordens religiosas, em particular os scalabrinianos, defenderem valores que se resumem na fórmula “pátria e fé”.²⁹ Também surgiram divergências com alguns periódicos brasileiros a respeito de como deveriam ser descritos os eventos bélicos, principalmente por ocasião da *Strafexpedition* (a expedição punitiva desferida pelos austríacos no verão de 1916, que colheu

²⁶ LE PROSSIME partenze. *Fanfulla*, São Paulo, 17 jun. 1915.

²⁷ PER LE PROSSIME partenze dei riservisti. *Fanfulla*, São Paulo, 6 jul. 1915. Para a crônica da tragédia, cf. LA ORRENDA disgrazia di ieri mattina alla stazione della Luz. *Fanfulla*, São Paulo, 5 jul. 1915.

²⁸ FRANZINA, Emilio. La guerra lontana, p. 76.

²⁹ FRANZINA, Emilio. Un fronte d'oltreoceano: italiani del Brasile e italo-brasileiros durante il primo conflitto mondiale. In: CORRÀ, Vittorio; POZZATO, Paolo (Org.). 1916. *Strafexpedition: gli altipiani vicentini nella tragedia della Grande Guerra*. Udine: Gaspari, 2003. p. 243.

de surpresa os italianos no Vêneto) e, mais tarde, em outubro de 1917, da derrota de Caporetto, com o seu trágico saldo de mortos, feridos, prisioneiros e debandados, episódio que, pelo contrário, quase todos os jornais de imigrantes tenderam a minimizar.

Em consonância absoluta com sua diretriz, o *Fanfulla* começou, desde o início, a publicar seções fixas a respeito dos convocados e voluntários partidos de São Paulo, com títulos eloquentes, como: “Cartas dos nossos soldados”, “Notícias dos nossos soldados”, “Vozes distantes dos nossos reservistas”, “Os nossos soldados no campo de batalha”, “Os nossos oficiais no campo de batalha” e, mais tragicamente, “Os nossos tombados”, “Aqueles que se imolaram pela Pátria”, “Os nossos feridos”, “Os tombados no campo de honra”. Em muitas dessas seções vinham publicadas, com frequência guarnecidas com fotos, cartas endereçadas à redação paulistana (ou às famílias, que as encaminhavam à folha paulista), que descreviam, infalivelmente, o moral das tropas como alto e o andamento da guerra como positivo. Nem faltaram combatentes que, feridos ou licenciados, voltaram ao Brasil e se dirigiram ao *Fanfulla* para enaltecer o grau de preparação e o ânimo do exército italiano; por vezes essa situação se virava contra os redatores, demasiado crédulos, que aceitavam como boas versões os embustes de compatriotas que já tinham sido reformados na Itália antes de emigrar e que, depois de usufruírem do bilhete gratuito, haviam tirado umas férias em sua pátria natal.³⁰

Nas seções mencionadas vinham também evidenciados atos de valor, condecorações e honrarias conquistadas – 34 no total, das quais significativamente a metade foi conferida a combatentes com estudos universitários ou com o título de *cavaliere*. Os tombados oriundos de São Paulo dos quais se tem registro foram ao todo 189 (e dos 160 dos quais o jornal publicou o local de nascimento, 42 eram nascidos no Brasil,³¹ o que demonstra a interiorização da italianidade junto a, pelo menos, uma parte dos descendentes) e pouco mais de trezentos em

³⁰ Cf. o caso de Natale Possanzini que, já reformado durante o serviço militar, apresentou-se ao consulado com documentos falsos (prática que parece ter sido, se não difusa, com certeza não episódica) e embarcou às custas do estado. Uma vez na Itália, havia apresentado o certificado de dispensa, para retomar o caminho do Brasil após algum tempo. Cf. UN CAPORAL maggiore d’artiglieria ferito a Pavia è giunto a S. Paulo. *Fanfulla*, São Paulo, 11 ago. 1915; e I FINTI eroi di guerra. Il caso di Natale Possanzini. *Fanfulla*, São Paulo, 12 ago. 1915.

³¹ Veja-se o elenco em: IL PIETOSO omaggio della Colonia Italiana ai caduti per la Patria. *Fanfulla*, São Paulo, 23 dez. 1918.

todo o Brasil, ainda que essa quantidade possa ter sido mais elevada. Não surpreende, portanto, que a folha paulista se fizesse porta-voz da comissão para a elevação de uma capela votiva para os tombados de São Paulo no cemitério de Araçá e convidasse, já em setembro de 1916, as famílias a enviarem os dados biográficos dos seus queridos caídos em campo de batalha, para gravá-los ao lado dos respectivos nomes, sobre as lápides.

Agindo de modo coerente com as suas posições, o *Fanfulla*, mais do que qualquer outro órgão da imprensa italiana de São Paulo, foi pródigo em sustentar e até mesmo promover a atividade do Comitato Pro Patria, criado por vontade da elite e apoiado pelo cônsul para evitar qualquer competição (em particular entre a Società Dante Alighieri e o Comitato Interventista) nas iniciativas em prol da mobilização. A nova organização veio à luz no dia seguinte à entrada da Itália na guerra, para resolver os problemas associados à partida dos convocados e à manutenção de suas famílias, mas também para coordenar os esforços financeiros da coletividade em favor dos soldados. Na reunião ficou decidido também quem ocuparia os cargos de presidente – o cônsul – e de vice-presidentes – Ermelino Matarazzo e o doutor Felice Buscaglia (representante da Cruz Vermelha Italiana na cidade). Também era bastante interessante o elenco dos membros do Comitato, que incluía os mais belos nomes do mundo intelectual e econômico imigrado (Pepe, Puglisi Carbone, Comunale, Siciliano, Crespi, Falchi), além dos presidentes das várias associações que haviam aderido à iniciativa e dos bancos italianos mais importantes presentes no território.³² E assim permaneceu a composição do organismo, que não deu acento, como solicitava um leitor do cotidiano, aos presidentes das sociedades operárias,³³ mesmo tendo nomeado como secretário Alcibiade Bertolotti, que em 1891 havia feito sair o primeiro jornal de orientação socialista de São Paulo, *Il Messaggero*.

³² LA RIUNIONE di ieri sera al Consolato. *Fanfulla*, São Paulo, 26 maio 1915. Cf. também: PER L'AZIONE morale ed economica della Colonia durante la guerra. *Fanfulla*, São Paulo, 24 maio 1915. Em agosto de 1917, o cônsul resignou as demissões mantendo para si o cargo de presidente honorário e cedendo a presidência efetiva a Ermelino Matarazzo, que havia já assumido também o cargo de representante da Cruz Vermelha depois que Buscaglia havia partido para a Itália para prestar sua obra profissional junto à sede central.

³³ PRO PATRIA o Croce Rossa? Non disperdiamo le forze. *Fanfulla*, São Paulo, 1 jul. 1915.

O *Fanfulla* não apenas deu suporte à nova estrutura, mas se tornou, em boa medida, seu porta-voz, função esta que em tais circunstâncias foi assumida normalmente pela imprensa étnica em outros países de emigração, como demonstra o exemplo do *La Patria degli Italiani* em Buenos Aires. Apesar disso – ou talvez até mesmo para melhor defender e fazer funcionar o comitê –, o periódico não deixou de formular críticas sobre este e outros aspectos. Muito rapidamente surgiram e se multiplicaram os subcomitês nos centros do interior e nos vários bairros da cidade de São Paulo (como aconteceu também no caso da Cruz Vermelha Italiana), órgãos cujas direções eram formadas por pequenos empresários (às vezes, também empresários de médio porte) ou por diretores de estabelecimentos, chefes de repartição, profissionais liberais e intelectuais.³⁴ Muito ativos foram os do Centro e da Luz, da Liberdade e da Consolação, e um pouco menos os dos bairros operários, como Brás e Bela Vista. As iniciativas dos subcomitês foram amplamente publicizadas no *Fanfulla*, e o mesmo ocorria em relação às atividades do Comitê Feminino, criado no início de junho de 1915 e empenhado, desde então, a visitar, aconselhar e confortar as famílias dos que partiram, a costurar peças de vestuário para as mesmas famílias, a manter as despesas de instrução dos filhos dos reservistas no *front*, a socorrer financeiramente as parturientes, a prover de remédios os doentes e a contribuir com as despesas funerárias, quando fosse o caso, a percorrer de um extremo a outro o estado de São Paulo, a promover festas nos centros do interior e da capital para angariar fundos, a confeccionar indumentárias de lã para os soldados, a enviar-lhes gêneros que os confortassem e presentes, a organizar festas de Natal para as famílias dos combatentes. O Comitê Feminino – o qual, de acordo com a impressão que se fica ao percorrer as páginas do *Fanfulla*, parecia até mesmo suplantiar o Comitê Masculino, em termos de frequência das iniciativas no último ano de guerra – tinha a mesma conotação social do primeiro, no que se refere aos seus órgãos dirigentes, vale dizer, era composto por senhoras também da elite imigrante (Puglisi, Frontini, Comunale, Matarazzo, Crespi, Pepe etc.), e a presidência honorária cabia à esposa do cônsul.

Os fundos angariados pelos comitês e subcomitês eram utilizados em uma série de iniciativas, que figuravam ao lado das descritas acima (e se somavam a

³⁴ BIONDI, Luigi. *Classe e nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2011. p. 330-331.

elas), mas a quase totalidade do montante era destinada a complementar, para as famílias dos reservistas e voluntários no exterior que passavam por necessidades, o magro subsídio disponibilizado pelo governo de Roma, porque esse subsídio, além de ser realmente modesto, excluía uma série de categorias (em particular, a dos pertencentes à última classe de recrutamento e a dos renitentes ao alistamento de outras classes de idade). Os fundos angariados provinham de subscrições *una tantum* e de ofertas mensais e eram destinados, em sua maior parte, à assistência permanente às famílias dos que se encontravam nos campos de batalha, embora servissem também para cobrir (além dos custos de gestão do próprio comitê) as despesas com o repatriamento dos familiares que permaneceram no Brasil (o balanço, porém, foi bastante limitado nesse sentido³⁵ e tendeu a beneficiar somente as esposas que não tinham parentes em São Paulo e os pais idosos). A partir de junho de 1916, enfim, foi tomada a decisão de guardar um fundo de previdência de 250 contos, para ajudar, depois do fim da guerra, os convocados que voltassem a São Paulo, e para continuar a fornecer subsídios mensais àqueles entre eles que tivessem se tornado inválidos ou incapacitados para o trabalho. Ao longo de todo o conflito, as entradas totais somaram 3.380 contos, dos quais 19,5% eram oriundos das ofertas *una tantum*, 54% das contribuições mensais, 2,5% dos juros acumulados e 24% das contribuições governamentais. As saídas, com exceção dos 250 contos de réis destinados ao pós-guerra, estavam quase todas concentradas nos subsídios mensais. Das 2.794 solicitações examinadas, apenas foram acolhidas 1.520,³⁶ e 61 órfãos ou crianças em condições especiais encontraram acolhimento em instituições ou ficaram aos cuidados de pessoas caridosas,

³⁵ Os repatriamentos dos familiares, que eram inclusive solicitados pelo próprio consulado por causa da previsível duração da guerra (que tornava mais vantajoso fazer retornar à pátria os parentes com um desembolso monetário *una tantum* em lugar de continuar a pagar durante anos subsídios mensais), encontravam alguns obstáculos: de início, a falta de disponibilidade de lugares nos navios e, em seguida, “o recrudescimento da campanha submarina [que] fez suspender toda generosidade na matéria”. (L’OPERA della Commissione Provvisoria dell’Associazione Italiana di Assistenza Civile. *Fanfulla*, São Paulo, 1 jan. 1920.)

³⁶ Na verdade, os pedidos aos quais foi dado parecer favorável foram em maior número, já que no decorrer da guerra o comitê suprimiu alguns subsídios mensais por causa do repatriamento dos familiares para a Itália ou por causa do retorno dos combatentes reformados ou dispensados ao Brasil. Tal fenômeno atingia já 180 famílias ao fim de 1915.

financiadas com essa finalidade pelo comitê, que afinal se encarregou de repatriar 408 famílias, perfazendo um total de 878 pessoas.³⁷

Pedidos de dinheiro abundaram em meio à coletividade e não se reduziram aos acima descritos: foram reiterados em ritmo martelante durante toda a guerra e entre eles havia alguns com as finalidades mais disparatadas, ainda que sempre de cunho patriótico. Cada uma delas contou com a ajuda em primeira mão do *Fanfulla*, que em muitas ocasiões ainda fez as vezes de organizador,³⁸ mantendo ao mesmo tempo um espaço beneficente para a coleta em primeira pessoa a favor de casos particularmente lastimáveis (órfãos, viúvas, esposas abandonadas com filhos) e um outro mais genérico, “Para os pobres do *Fanfulla*”. O fato é que de 1915 a 1918 multiplicaram-se as iniciativas não só da parte dos organismos já mencionados, mas também da parte de veteranos, de proprietários de teatro, da maçonaria patriótica, de muitas associações (até mesmo no decorrer de excursões sociais a Santos, nos fins de semana)³⁹ e até de algumas escolas em delírio de autopromoção,⁴⁰ empenhadas em sustentar a mobilização, os combatentes e a pátria em armas. A situação chegou ao ponto de serem organizadas festas de beneficência múltiplas, que tinham como objetivo causas diversas e inconciliáveis, como a promovida em novembro de 1915 em favor do Comitato Pro Patria, do hospital Umberto I e das vítimas da seca no Nordeste do Brasil. Os fundos eram recolhidos de várias maneiras: por meio de projeções cinematográficas, performances teatrais, concertos, apresentações de canto, conferências, bingos, leilões, mostras, sorteios de presentes, festas campestres, competições esportivas (em especial jogos de futebol, geralmente no

³⁷ Para todos esses dados, cf. LA RELAZIONE del Comitato Maschile Pro Patria. *Fanfulla*, São Paulo, 20 fev. 1919; e LA RELAZIONE finale sull’opera del “Comitato Pro Patria”. *Fanfulla*, São Paulo, 30 dez. 1919. Os dados são, todavia, de relativa credibilidade, uma vez que em outros artigos compareceram cifras diferentes. Em janeiro de 1919, por exemplo, se afirmava que as famílias subsidiadas eram 1.700, num total de mais de 7.000 pessoas (IL COMITATO Pro Patria e il dopo guerra. *Fanfulla*, São Paulo, 29 jan. 1919) e em janeiro de 1920 se falava de 2.200 núcleos familiares (L’OPERA della Commissione Provvisoria dell’Associazione Italiana di Assistenza Civile. *Fanfulla*, São Paulo, 1 jan. 1920).

³⁸ Em 1916, por exemplo, assumiu a iniciativa de coletar dinheiro para dotar de asas a pátria.

³⁹ CIRCOLO d’Onore Breccia di Porta Pia. *Fanfulla*, São Paulo, 22 nov. 1915.

⁴⁰ Mesmo existindo, de fato, institutos educativos cujos proprietários-diretores davam contínuas e confiáveis provas de afeição à pátria, havia outros nos quais a própria decisão de oferecer gratuitamente cursos e material didático aos filhos dos convocados parecia especiosa e propagandística.

Parque Antártica, sede do Palestra Italia, que tinham grande capacidade de atração de público) e espetáculos de diversos tipos, inclusive com bailarinas. A ânsia de apoio sugeria também métodos engenhosos, como foi o concurso promovido em junho de 1916 pelo subcomitê da Liberdade, que premiaria aquele que adivinhasse a data precisa do fim da guerra com 20% dos fundos coletados, reservando os 80% restantes ao Comitato Pro Patria.

As subscrições que angariaram mais fundos foram as dos cinco empréstimos de guerra, lançadas pelo governo de Roma a partir da metade de 1915, que tinham como agentes de arrecadação autorizados, em São Paulo, o Banco Francês e Italiano para a América do Sul (que recolheu a quantidade mais vultosa de contribuições), o Banco Ítalo-belga e as Indústrias Reunidas Família Matarazzo. Desde o primeiro empréstimo, a juros de 4,5% (taxa, na verdade, pouco atrativa no Brasil da época), o *Fanfulla* se empenhou em exaltar a prodigalidade (real ou presumida) da coletividade e a publicar as listas dos contribuintes, muitas vezes sob os títulos “A colônia se destaca” ou “O dever dos italianos”. Na realidade, a arrecadação começou a ter maior êxito quando, a partir de janeiro de 1916, com o segundo empréstimo, a taxa de juros foi elevada a 5%. A contínua e vertiginosa ascensão das quantias recolhidas⁴¹ permitiu, em seguida, que a rivalidade com Buenos Aires fosse utilizada para estimular ainda mais a arrecadação, e já em 17 de março de 1918 o *Fanfulla* comunicava aos seus leitores o agradecimento do governo de Roma aos italianos do Brasil, que com os quase 50 milhões de liras coletados no período de dois meses era a coletividade que mais havia colaborado com subscrições nas Américas. Aliás, a soma final recolhida na metade de maio superou os 114 milhões. É inútil dizer que os empréstimos nacionais funcionaram como uma vitrine do patriotismo também por causa da sua visibilidade na imprensa (e da visibilidade dos nomes elencados). Não é, portanto, surpreendente que as quantias mais significativas tenham sido desembolsadas por Matarazzo, Pinotti Gamba, Crespi, Siciliano, Martinelli, Puglisi Carbone e suas respectivas empresas, com contribuições que alcançaram o patamar de um milhão de liras. Esse ímpeto da elite arrastava o das classes menos favorecidas, que se limitavam a ofertas em torno de 100 a 500 liras.

⁴¹ De um milhão de liras, relativas ao empréstimo de 1915, passou-se aos 17 milhões em 1916, registrando-se novos picos até alcançar a soma recorde de 1918.

Conforme sinalizado, o periódico paulista apoiou todas as subscrições que se sobrepueram umas às outras naqueles anos: a favor da Croce Rossa Italiana; para a expedição de charutos, cigarros, chocolate, compotas, conservas, indumentárias de lã e cobertas (*Pro lana*) para os soldados; para o envio de roupas, calçados e presentes diversos aos soldados e aos prisioneiros de guerra; para o fornecimento do leite aos filhos dos alistados e voluntários (*Pro goccia latte*); para a assistência médica e farmacêutica das famílias dos que haviam partido; para a compra de máquinas de costura e distribuição das mesmas às esposas dos combatentes; para os soldados tuberculosos; para a realização de um retrato de Cadorn, a ser enviado a ele mesmo (quantia coletada por Piccarolo), e para readquirir a casa que havia sido do seu pai e depois oferecê-la a ele; para os cegos e mutilados na Itália; para contribuir com a elevação de um monumento a Cesare Battisti em Trento, uma vez terminada a guerra, por meio de cartões de subscrição de 500 réis, a serem recolhidos em um álbum que seria então ofertado à viúva (a iniciativa foi tomada por um jornal de São Paulo – *Il 420* – junto a uma empresa italiana).⁴² Foram mais consistentes os fundos coletados para a construção de uma capela votiva em honra dos tombados e para os Refugiados do Vêneto, depois da derrota de Caporetto, ainda que, nessa circunstância, o apelo do *Fanfulla* para que se fizesse melhor que a coletividade italiana de Buenos Aires não tenha tido sucesso, e a cifra final tenha sido inferior àquela de que se vangloriava a cidade rival.

Esse foi, como tantos outros, um sinal do cansaço (e mesmo do enfado) que começou a se difundir, devido à frequência e à repetição das subscrições, cansaço que não deixava de se manifestar subterrânea e abertamente, tanto que já no início de 1917 o cotidiano reclamava com acrimônia que os poucos que resmungavam eram, olhando bem, os que não tinham nunca dado nada ou o haviam feito com extrema parcimônia, o que era um índice evidente da avareza ou da pouca fé patriótica, ou de ambas as coisas.⁴³ A invectiva não podia em todo caso ignorar uma realidade de desafeições e dúvidas, que já

⁴² A iniciativa parece ter tido mais sucesso em algumas localidades do estado de São Paulo do que em outras, “pela indolência que com frequência enfraquece os espíritos e os encolhe”, e, terminada a subscrição, foi coletada uma soma afinal modesta que a dita Favilla Lombardi decidiu completar até que alcançasse 20.000 liras (L'ALBUM della colonia italiana alla vedova di Cesare Battisti. *Fanfulla*, São Paulo, 27 jul. 1917).

⁴³ LA COLONIA Italiana pro Ciechi e Mutilati. *Fanfulla*, São Paulo, 30 jan. 1917.

havia surgido antes, quando se tinha uma previsão da duração do conflito (o que conseqüentemente acelerou os pedidos de apoio financeiro), e se reforçou a partir da ofensiva austríaca da metade de 1916, ainda mais depois de Caporetto. Assim, pouco adiantou bater no prego da “civilização italiana contra a barbárie alemã”⁴⁴ e tranquilizar os leitores, minimizando os diversos episódios adversos, endossando a competência dos altos comandos, negando acontecimentos graves e atribuindo a evacuação das posições a uma meditada manobra tática de deslocamento da linha defensiva, para assegurar-lhe maior liberdade de movimento. O diário paulista manteve sua atitude, a despeito de tudo, e sua reação foi simplesmente dedicar mais espaço a outras temáticas, enquanto esperava dias melhores, os quais, com efeito, vieram. Havia ainda o fato de que, sobretudo a partir do início de 1917, as partidas se contraíram drasticamente, e não apenas por causa dos obstáculos à navegação mais graves e das dificuldades econômicas enfrentadas pelas classes populares no Brasil.

A desafeição era patente e se transformou rapidamente em oposição; disso foi testemunho o fato de que o periódico se viu obrigado a registrar, desde o fim de 1915, a multiplicação (até mesmo nos banheiros públicos)⁴⁵ de inscrições nos muros contrárias à participação no conflito e, sobretudo, aos sacrifícios dos italianos de São Paulo feitos em seu nome. Pareceu algo totalmente conseqüente, portanto, a estocada desferida pelo cotidiano contra o movimento operário italiano, que sempre havia feito oposição à guerra, ainda que os ataques aos socialistas na pátria tenham sido mais brandos em 1915 e 1916 do que nos anos seguintes, quando a responsabilidade pela derrota de Caporetto foi atribuída à propaganda feita por eles. Durante todo o tempo em que duraram as operações bélicas, estiveram presentes nas páginas dessa folha, ainda que com moderação, escritos de reformistas socialistas e, com frequência muito maior, de dirigentes desse mesmo partido que haviam, pelo contrário, apoiado a intervenção. Uma verdadeira campanha de ódio somente se desencadeou após o congresso do partido marxista, realizado em Roma em setembro de 1918, no qual prevaleceu a corrente maximalista, congresso que havia induzido a Camera di Commercio Italiana de São Paulo a enviar

⁴⁴ GRANDE festa Pro Patria al teatro S. Paulo. *Fanfulla*, São Paulo, 3 nov. 1916.

⁴⁵ PICCOLI inconvenienti della guerra. *Fanfulla*, São Paulo, 4 nov. 1915.

um telegrama ao presidente do conselho, Vittorio Emanuele Orlando, para protestar contra as “aspirações liberticidas” dessa direção derrotista, iniciativa que obteve a adesão de cerca de sessenta escolas e associações, dentre elas a Lega Lombarda.⁴⁶ Foi interessante, inclusive, a posição do *Fanfulla* sobre a revolução bolchevique, que foi vista como manobra alemã para “liquidar o povo e o exército”.⁴⁷ Muito menos frequentes foram os ataques ao movimento operário imigrado e à sua imprensa, ainda que anarquistas e socialistas tenham sempre defendido, exceto em um número discreto de exceções, posições pacifistas e internacionalistas em São Paulo.

A aversão à guerra era, em todo caso, mais difusa nos ambientes proletários e, sobretudo, não respondia apenas a motivações ideológicas, nem era indicadora de traição, como sugeriu o periódico de São Paulo, quando lamentou que entre os que desenvolviam essa ação deletéria estivessem alguns compatriotas que professavam publicamente o patriotismo, enquanto, pelo contrário, não eram senão “aliados gratuitos da Áustria”.⁴⁸ No interior dessa categoria se encontravam talvez a direção daquela associação italiana de Franca contra a qual arremetia um leitor em uma comunicação publicada, porém em página paga, que depois de haver defendido posições irredentistas, havia bloqueado a proposta de excluir os sócios, que, alistados, não tivessem partido para o campo de batalha,⁴⁹ ao contrário do que havia deliberado o Circolo Italiano di São Paulo, decerto não casualmente, tratando-se de uma expressão da elite imigrada.

O descontentamento vinha sendo alimentado, em todo caso, pela constatação orwelliana de que existiam categorias mais iguais que outras, quando se tratava de responder ao apelo da pátria, e o periódico desde o início da mobilização teve de noticiar, com amargura, mas também com desdém, os boatos que circulavam a propósito de médicos habilitados realizarem as consultas médicas que ocorriam no consulado, os quais dispensavam alguns dos convocados, mediante compensação financeira. O impacto dessas notícias foi tanto que a estrutura diplomá-

⁴⁶ LA PROTESTA delle Società di S. Paolo contro i disfattisti italiani. *Fanfulla*, São Paulo, 11 set. 1918.

⁴⁷ IL LENINISMO in liquidazione. *Fanfulla*, São Paulo, 3 set. 1918. Cf. também: IL BRIGANTAGGIO moscovita. *Fanfulla*, São Paulo, 6 set. 1918.

⁴⁸ PER IL DOVERE. *Fanfulla*, São Paulo, 15 ago. 1915.

⁴⁹ PATRIOTTISMO... al rovescio. *Fanfulla*, São Paulo, 30 jul. 1918.

tica foi constrangida, em setembro de 1915, a nomear uma comissão médica de maior transparência. A atitude se revelou, porém, de escassa utilidade, já que os boatos continuaram a circular, obrigando o jornal a denunciar mais uma vez a situação em janeiro de 1918, falando dos “casos escandalosos de dispensas e de isenções complacentes” que alimentavam suspeitas e confrontos naquela que deveria ser a mais alta manifestação de patriotismo. A imoralidade dizia respeito, como era obrigado a admitir o *Fanfulla* (e como aconteceu em tantas outras destinações da emigração italiana), às classes abastadas da coletividade, “os ricos, os milionários e seus filhos ou amigos”, às quais era consentido, “por uma estranha fatalidade”, não partir. E se acontecia de elas partirem por engano, uma vez na Itália eles não tinham dificuldade em obter um documento que os declarasse indispensáveis para seus negócios, para suas empresas, para seu trabalho no Brasil, razão pela qual retornavam depois de “três meses de satisfeita permanência na pátria”.⁵⁰

Tal situação gerava uma situação esquizofrênica na redação, porque enquanto uma parte dela defendia os graúdos da coletividade – afirmando que o Comitato Pro Patria havia funcionado quase exclusivamente graças à “generosidade de poucas centenas de pessoas”⁵¹ e ressaltando as partidas para o campo de batalha de figuras proeminentes, como o presidente da Dante Alighieri, Gaetano Pepe, ou os filhos de Morganti e de Frontini (este último, inclusive, morto em combate) –, outra parte não podia deixar de observar que, afinal de contas, foram as classes populares que suportaram os maiores sacrifícios, tanto em termos financeiros (as pequenas doações que faziam pesavam no orçamento familiar muito mais do que as generosas somas doadas pelos industriais e comerciantes)⁵² quanto de erradicação, considerando que “partiram os pobres operários, levando consigo todos os trapos de suas famílias ou deixando à discrição *do mesquinho subsídio* da Pro Patria suas mulheres e seus

⁵⁰ O espetáculo oferecido pelas elites não somente servia de pretexto “para os que não seriam igualmente enviados à Itália”, mas neutralizava também (e aqui os redatores aludiam a si mesmos) “o pouco de propaganda que os bons italianos vinham fazendo em favor da mobilização” (I RISERVISTI italiani all'estero. *Fanfulla*, São Paulo, 11 jan. 1918).

⁵¹ Conceito reiterado à distância de mais de um ano depois do fim do conflito. Cf. L'OPERA della Commissione Provvisoria dell'Associazione Italiana di Assistenza Civile. *Fanfulla*, São Paulo, 1 jan. 1920.

⁵² I NUOVI orizzonti e i nuovi doveri del Pro Patria. *Fanfulla*, São Paulo, 10 abr. 1919.

filhos; partiram pequenos funcionários aos quais foi colocada a corda no pescoço, ou “irem servir a pátria ou perderem o emprego”. E partiram ainda pessoas de má saúde, “porque ninguém pagou” por eles, enquanto outros haviam continuado a desenvolver seus negócios em São Paulo “mesmo desfrutando de ótima saúde e de ainda melhor digestão”.⁵³

O diário de São Paulo não ignorava que as condições de vida dos trabalhadores, que já eram precárias, haviam piorado por causa da inflação crescente, agravada pelo convite – que se constituía em praticamente um dever – feito aos funcionários pelas direções das indústrias e das firmas nas quais trabalhavam, para que subscrevessem em favor do Comitato Pro Patria uma quota (ainda que baixa) do salário mensal ou, se mais afortunados, uma quantia fixa *una tantum*. Já em 11 de junho de 1915 publicava a notícia da decisão (voluntária?) dos empregados das IRFM a destinarem quotas que variavam de um a três por cento de sua remuneração, dirigindo um apelo a fim de que o exemplo viesse a ser seguido por todas as empresas italianas. E, de fato, a partir desse momento começou a publicar listas com os nomes dos operários desta ou daquela empresa que faziam a referida contribuição (e entre eles figuravam sobrenomes brasileiros); nas fábricas maiores a operação era conduzida pelos contramestres e, nas menores, pelos proprietários, diretamente.⁵⁴ Não se tratou de uma operação de curta duração, tanto que em 1917 Serpieri afirmou em um artigo que a arrecadação total das subscrições havia aumentado e que “a arrecadação dos operários havia sido notável”.⁵⁵

Que a diretor e redatores escapasse o sacrifício representado pelo óbolo em questão é algo pouco crível, considerando-se a história do jornal e a sua posição avançada relativa à questão social. O cotidiano havia sempre condenado a inércia do governo brasileiro – e não só do último – em matéria de legislação do trabalho e apoiado as lutas por melhores condições e salários, mantendo durante anos, e por vezes décadas, seções dedicadas à temática, como “Agitações operárias” e “Movimento operário”. Mesmo tendo amenizado as posições mais radicais que assumira no início da sua existência (que incluíam termos como

⁵³ CONTRO lo scandalo delle riforme e degli esoneri. *Fanfulla*, São Paulo, 14 jan. 1918. (Grifos meus.)

⁵⁴ Cf. BIONDI, Luigi. *Classe e nação*, p. 324 e 331-332.

⁵⁵ SERPIERI, Umberto. Gli operai e il Comitato Pro Patria. *Fanfulla*, São Paulo, 30 jul. 1917.

anticlericalismo e republicanismo) e devido, em parte, ao passado político do seu fundador, o ex-anarquista Vitaliano Rotellini, o cotidiano não perdeu sua capacidade (mesmo depois da venda, em 1910, de metade da propriedade a Angelo Poci, cuja orientação política era certamente menos progressista) de indignação a respeito de injustiças e abusos, e manteve uma atitude aberta nos confrontos oriundos das reivindicações proletárias, na Itália e no Brasil, publicando todos os comunicados e todas as convocações das organizações de trabalhadores, reivindicando o direito à sindicalização e a legitimidade das greves, às quais dava ampla cobertura,⁵⁶ especificando, porém, que para haver a possibilidade de sucesso, elas deveriam ser ordenadas e organizadas. De todo modo, nunca retrocedeu na defesa fosse dos trabalhadores da indústria, fosse dos colonos das fazendas, nem no protesto veemente contra a prática, mais que contra as normas que a regulavam, da expulsão de estrangeiros indesejáveis, já que tal prática representava o triunfo do arbítrio e da prevaricação, a falha na aplicação das garantias previstas pela própria lei e a negação do direito de *habeas corpus*,⁵⁷ mesmo que esses protestos por vezes fossem abafados, como quando o procedimento atingiu alguns responsáveis pelas publicações militantes italianas no Brasil, como Gigi Damiani e Teodoro Monicelli.

As grandes agitações de São Paulo em 1917 (das quais a greve de maio na fábrica de algodão Crespi – onde quase $\frac{3}{4}$ dos trabalhadores eram italianos – representou o prólogo) colocaram a nu as contradições do jornal, dividido entre apoiar a mobilização bélica e apoiar as classes populares. Levado a defender as razões dos operários, obrigados a agir por motivos econômicos (“um grito da fome”) e não por fins políticos – como se apressava a precisar

⁵⁶ Os trabalhadores em luta se davam conta perfeitamente da importância do *Fanfulla* como transmissor para a opinião pública das razões dos operários e como defensor dos seus direitos, como demonstra a foto de uma pequena multidão de grevistas diante da redação do jornal por ocasião de uma disputa (LO SCIOPERO dei muratori. *Fanfulla*, São Paulo, 8 ago. 1911).

⁵⁷ E essa prática se reduzia, na análise do periódico (mas também na realidade), ao fato de que “a polícia prende quem quer, cobre as detenções de mistério para impedir que algum petulante advogado intervenha com irritantes solicitações de *habeas corpus*” e mente despidoradamente até que a vítima fosse expulsa (ESPULSIONI sommarie. *Fanfulla*, São Paulo, 30 ago. 1912). Como demonstração da coerência e da continuidade das denúncias, cf. LE ESPULSIONI degli anarchici e l'autorità giudiziaria. *Fanfulla*, São Paulo, 21 dez. 1919; e LE ESPULSIONI degli anarchici e la polizia. *Fanfulla*, São Paulo, 28 dez. 1919.

–,⁵⁸ condenou a recusa da empresa a tratar, publicando, todavia, quatro dias depois e sem nenhum comentário, um comunicado peremptório da fábrica, no qual ela convidava todos os seus funcionários a retomarem o trabalho, sob pena de demissão. Em junho, após haver estigmatizado a repressão policial e mesmo mostrando, ao menos aparentemente, uma benevolência menor nos confrontos de Rodolfo Crespi do que aquela dispensada, por exemplo, a Francesco Matarazzo, o cotidiano manifestava abertamente seu embaraço, afirmando não querer jogar lenha na fogueira, sobretudo tratando-se de trabalho e de capital italianos. Assim, ao mesmo tempo condenava o locaute e fazia um apelo à necessidade de se chegar a um acordo “pelo espírito de concórdia ao qual na hora atual devem inspirar-se e subordinar-se todas as ações humanas”.⁵⁹

Algo menos razoável foi que nem nessa circunstância, nem por ocasião das greves sucessivas de julho, que atingiram toda a cidade e quase todos os setores laborativos, o jornal, mesmo dedicando uma ou até duas páginas aos eventos e mostrando-se alinhado com os manifestantes, sentiu a necessidade de indicar (senão como um aceno fugaz, em raríssimas ocasiões)⁶⁰ aquilo de que todos estavam ao corrente na cidade, isto é, que uma das condições dos operários para retornarem ao trabalho era a abolição da contribuição para o Comitato Pro Patria, que destroçava os seus salários já reduzidos ao osso. Essa era uma reivindicação que, pelo contrário, vinha sendo colocada amplamente à luz – *et pour cause* – pela imprensa étnica operária. O único aceno à questão que se encontrava no *Fanfulla* é um comunicado do Comitato Pro Patria, publicado com maior frequência em fins de julho, no qual se afirmava haver constatado que os operários de algumas fábricas mostravam relutância em continuar a subscrição, chegando mesmo a colocar a revogação da contribuição forçada como cláusula para retornarem aos estabelecimentos. O Comitato lembrava aos trabalhadores, no entanto, que aquele dinheiro servia para a sobrevivência das famílias de pessoas que faziam um sacrifício maior do que aquele a que eram

⁵⁸ LO SCIOPERO e il diritto del più forte. *Fanfulla*, São Paulo, 11 mai. 1917.

⁵⁹ LA GRAVE agitazione operaia al Cottonificio Crespi. *Fanfulla*, São Paulo, 27 jun. 1917.

⁶⁰ Cf. AGITAZIONI operaie. *Fanfulla*, São Paulo, 24 jun. 1917.

chamados os subscritores.⁶¹ Tudo isso era oferecido aos leitores sem comentário algum da redação.

Por outro lado, permanecendo no plano geral e tendo sempre a cautela de não atacar este ou aquele empresário italiano, a folha paulista apontava com insistência para os lucros extraordinários auferidos pelos industriais graças à guerra, embora sem dar aos seus comentários tom de embate social, muito menos denunciar a hipocrisia patriótica da classe empresária imigrada. Esses eram elementos presentes, com toda legitimidade, na campanha levada adiante pela imprensa étnica operária, em particular pelo socialista *Avanti!*, que havia criado até mesmo uma seção fixa com o título inequívoco de “O patriotismo de seus senhores”, depois transformado em “A cocanha de seus senhores”.⁶²

Na verdade, o *Fanfulla* colocou-se na linha de frente dos jornais que denunciavam a dramática perda de poder aquisitivo dos salários, já no fim de 1915,⁶³ assim como dos que abriam os olhos de seus leitores (majoritariamente não operários) para o problema do lucro fabuloso dos industriais e dos grandes comerciantes, que se recusavam a ceder uma mínima parte dos seus ganhos para satisfazer as reivindicações dos trabalhadores. Essa operação, todavia, foi levada adiante sem que ao menos se tocasse de leve na temática do nacionalismo e do embate entre empresários e trabalhadores imigrantes, que a essa altura já ganhara uma dimensão que ia além daquela de classe. E mais: divulgou cada uma das atitudes dos patrões que tinha como objetivo dar aos descontentamentos dos operários outras válvulas de escape que não a luta sindical, canalizando-os em direção a atos “patrióticos”. Tome-se como exemplo a antecipação do horário de fechamento desta ou daquela fábrica (ou mesmo a liberação remunerada de uma jornada de trabalho inteira), para que os empregados pudessem participar das manifestações pela conquista de

⁶¹ Comunicado publicado pela primeira vez em 24 jul. 1917 e republicado muitas vezes nos dias sucessivos.

⁶² Próxima ao *Avanti!*, a última folha étnica dos anarquistas que restou em pé na época – *Guerra Sociale* – levava adiante a mesma batalha, insistindo ainda mais na queda dos salários reais provocada pela guerra e defendendo veementemente o cancelamento da contribuição Pro Patria.

⁶³ Ainda que por vezes associando-a simplesmente à dependência do Brasil da exportação e importação. Cf. LA RIPERCUSSIONE della guerra Europea in San Paolo. *Fanfulla*, São Paulo, 26 mar. 1916 e outros dois artigos dos dias 27 e 28.

Gorizia (1916), ou de qualquer outra de apoio à guerra, ou para assistir à cerimônia fúnebre em honra de um soldado italiano de São Paulo ferido na frente de batalha e falecido depois de ter retornado ao Brasil (1918).⁶⁴

Em todo caso, as preocupações sociais do jornal induziram-no a procurar mediar, no decorrer das grandes agitações de julho de 1917, as relações entre os operários em greve, empregadores e autoridades municipais. Serpieri integrou, junto com Paolo Mazzoldi, diretor de *Il Piccolo*, a comissão de jornalistas que empregaram seus bons ofícios para que se chegasse a uma solução e que, uma vez encontrada essa solução, serviram de avalistas para que as conquistas duramente obtidas pelos operários fossem respeitadas. Naquela circunstância, o cotidiano deu um destaque ao episódio como se fosse a primeira vez no mundo que a imprensa assumia uma função arbitral para resolver uma grave crise social, “armada somente com seu prestígio moral, uma grande fé e um profundo sentimento de patriotismo” (aludindo ao fato de que, no tecido industrial de São Paulo, empresários e operários eram em grande parte italianos). Além disso, aproveitou a ocasião para lembrar aos trabalhadores que as batalhas só são vencidas com organização, uma organização que deveria ser aceita pelos industriais “porque canaliza a vontade, a dirige, a refreia, dá-lhes uma voz única e uma direção responsável”, temperando os excessos (e também as reivindicações).⁶⁵ Já em setembro, no entanto, teve por bem publicar uma carta de Damiani de repreensão à comissão dos jornalistas, porque esta não havia elevado um protesto sequer em relação à retomada da prática repressiva e à falta de respeito aos acordos, apesar de ter sido avalista desses mesmos acordos.⁶⁶

Mil novecentos e dezessete foi um ano crucial, em que o Brasil gradualmente deslizou de uma posição de neutralidade à declaração de guerra, mudança que o *Fanfulla* viu como elemento que podia de algum modo revitalizar o consenso, já então enfraquecido, entre os imigrantes. Na verdade, conforme foi comentado, malgrado as declarações iniciais sobre a posição assumida pelo Rio de Janeiro a respeito da cena internacional, as quais deveriam ter levado a um total silêncio, a folha paulista havia iniciado, desde 1916, uma campanha voltada,

⁶⁴ LE SOLENNI onoranze di ieri alla salma di un valoroso soldato italiano. *Fanfulla*, São Paulo, 16 abr. 1918.

⁶⁵ UNA PAGINA nella storia di S. Paolo. *Fanfulla*, São Paulo, 16 jul. 1917.

⁶⁶ LA PROTESTA della Federazione Operaia contro i recenti arresti della polizia. *Fanfulla*, São Paulo, 16 set. 1917.

por um lado, a demonstrar como era de interesse do Brasil e de todos os países latino-americanos que travavam comércio com a Europa alinhar-se a favor da Aliança, por motivos econômicos;⁶⁷ e, por outro lado, a denunciar a ameaça representada pelos alemães (os quais, pelo que constava ao *Fanfulla*, haviam enviado um amplo contingente de espíões ao Rio Grande do Sul, camuflados de agricultores),⁶⁸ sugerindo inclusive a necessidade de se requisitar os navios germânicos que permanecessem ancorados em portos brasileiros, tendo em vista a limitação da marinha mercante do país e também como ato de retaliação pela decisão da Alemanha de se apropriar, no início da guerra, do café brasileiro armazenado em Hamburgo.⁶⁹

Dentro dessa mesma linha, o jornal se empenhava em divulgar todas as iniciativas favoráveis à Aliança que aconteciam no Brasil, e uma particular atenção era dada aos discursos de Rui Barbosa, tanto que a direção do *Fanfulla* decidiu imprimir trinta mil cópias, graças a uma enésima subscrição, do discurso antigermânico que ele havia pronunciado em Petrópolis, em março de 1917, para depois distribuí-lo gratuitamente por meio das associações italianas da cidade de São Paulo e de agentes e correspondentes consulares no interior do Estado.⁷⁰ A campanha em questão se intensificou após o ingresso dos Estados Unidos na guerra, em particular na sequência do afundamento do vapor *Paraná* ao largo da costa francesa, e na terceira página do jornal começou a ser estampada a coluna “O Brasil diante da guerra”, que chamava atenção para as vantagens econômicas e políticas que derivariam da ruptura das relações diplomáticas. Em abril, quando isso ocorreu, registraram-se pressões imediatas no sentido de que o governo do Rio de Janeiro desse mais um passo e declarasse guerra, conjecturando-se até mesmo a possibilidade de que os alemães estivessem se preparando para desencadear uma revolução no Rio

⁶⁷ IL BRASILE e la guerra. *Fanfulla*, São Paulo, 3 maio 1916.

⁶⁸ NATALE, Vincenzo. Il pericolo tedesco in Rio Grande do Sul. *Fanfulla*, São Paulo, 7 abr. 1916.

⁶⁹ Cf. IL BRASILE e la requisizione delle navi tedesche. *Fanfulla*, São Paulo, 14 mar. 1916; e IL BRASILE di fronte alla Germania. *Fanfulla*, São Paulo, 19 mar. 1916.

⁷⁰ LA REQUISITORIA del Senatore Ruy Barbosa contro la Germania sarà pubblicata in 30.000 opuscoli di propaganda. *Fanfulla*, São Paulo, 31 mar. 1917. O opúsculo deveria abrigar também a lista dos nomes dos subscritores, mas o jornal não trouxe nenhuma notícia de que a operação chegava ao porto.

Grande do Sul⁷¹ e insistindo na afronta à dignidade nacional representada pelo afundamento dos outros vapores, em maio de 1917.

Após a entrada efetiva do Brasil no conflito, o jornal apoiou com entusiasmo a decisão do governo do Rio, em outubro de 1917, de não permitir mais a circulação de jornais pertencentes a cidadãos de nações inimigas (medida esta que atingiria o *Fanfulla* por ocasião da Segunda Guerra Mundial). Na sua escalada eufórica, o periódico convidou as firmas italianas e das nações aliadas a demitirem os empregados dos países inimigos e também de nações simpatizantes, e pressionou para que o decreto de fechamento das escolas alemãs fosse respeitado, já que muitas haviam permanecido abertas, especialmente aquelas dirigidas por religiosos, “isto é, pelos espiões mais perigosos”.⁷² Enfim, como prova tangível do reconhecimento da posição assumida pelo governo do Rio, abriu uma subscrição para a aquisição de um aparelho de fabricação italiana para doar ao Aéreo Club Brasileiro.⁷³

⁷¹ IL BRASILE in guerra. I tedeschi preparano una rivoluzione negli Stati Meridionali. *Fanfulla*, São Paulo, 23 abr. 1917.

⁷² LA CHIUSURA delle scuole tedesche. *Fanfulla*, São Paulo, 19 nov. 1917.

⁷³ Cf. IL DONO di un aeroplano all’Aéreo Club Brasileiro. Una proposta alla Colonia Italiana. *Fanfulla*, São Paulo, 28 dez. 1917. Depois de um início promissor, o projeto se fez mais ambicioso e chamou a coletividade a uma subscrição de “caráter popular” (grifo meu) para adquirir uma esquadrilha e “poder dizer aos irmãos brasileiros: este enxame de aeronaves, armadas para a guerra e instrumentos de paz, vos é ofertado por todos os italianos do Brasil” (LA COLONI Italiana offrirà una squadriglia di aeroplani all’Aéreo Club Brasileiro. *Fanfulla*, São Paulo, 30 dez. 1917). Os eventos bélicos não consentiram, porém, que a indústria italiana desviasse aeronaves das funções bélicas e o *Fanfulla* acabou por versar a soma coletada ao Aéreo Club, que se voltou para outros fornecedores. Cf. A PROPOSITO dell’offerta di aeroplani all’Aéreo Club Brasileiro. *Fanfulla*, São Paulo, 24 mar. 1922.